

JORNALISMO E LITERATURA: EM PAUTA A RAZÃO, A EMOÇÃO E A RESPONSABILIDADE

Ana Carolina da Silva Monteiro ¹

RESUMO

Este artigo é um recorte da investigação de mestrado sobre a presença de determinadas características do Jornalismo Literário, como o trabalho estético com a linguagem, a captação por meio da observação participante, a criatividade, a liberdade de expressão, a humanização, a fruição pelo texto, em comunhão com os preceitos do Jornalismo Ambiental, de responsabilidade, engajamento, ética, compromisso social, a partir da análise de conteúdo quali-quantitativa de 48 reportagens especiais socioambientais, do jornalista Montezuma Cruz, publicadas de fevereiro de 2011 a setembro de 2013, no Jornal diário *Correio do Estado*, veículo de maior circulação no estado de Mato Grosso do Sul. Traçou-se um perfil do repórter, de modo a contar sua trajetória de mais de 40 anos dedicados ao Jornalismo. Questões relevantes que surgem da aproximação entre Jornalismo e Literatura são identificadas e discutidas. Propõe-se a possibilidade de criação de uma narrativa autoral construída a partir do *ethos* profissional pautado na humanização, ética, estética e no engajamento do repórter à temática ambiental, representado pela proposição H3E, formulada a partir da *práxis* do repórter pesquisado.

Palavras-chave: Jornalismo; Literatura; Narrativa; Complexidade; Humanização.

ABSTRACT

This article is an excerpt of the master's research on the presence of characteristics of Literary Journalism, such as the aesthetic work with language, the understanding by means of participant observation, creativity, freedom of expression, humanization, text enjoyment, in communion with the Environmental Journalism precepts of responsibility, engagement, ethics, and social commitment. It is based on a qualitative content analysis of 48 socio-environmental special reports written by journalist Montezuma Cruz, published between February 2011 and September 2013 in *Correio do Estado*, the daily newspaper with the largest circulation in the state of Mato Grosso do Sul. The reporter's profile is presented, with the objective of exposing his career of over 40 years devoted to Journalism. Relevant issues arising from the approximation between Journalism and Literature are identified and discussed. The study proposes the possibility of creating an authorial narrative, built from the professional ethos guided by humanization, ethics, aesthetics and the engagement of the reporter to the environmental theme, represented by the proposition H3E, formulated from the praxis of the reporter under analysis.

Key-words: Journalism; Literature; Narrative; Complexity; Humanization.

¹ Mestre em Comunicação e jornalista formada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Membro do Grupo de Pesquisa "Mídias Ambientais" e do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares do Pantanal (NEPI/PANTANAL), ambos do CNPQ/UFMS e da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental.

1. Para entender a Pesquisa

Este artigo é um recorte da dissertação de Mestrado intitulada “Jornalismo, Literatura e Meio Ambiente na interface narrativa de Montezuma Cruz”, defendida em junho de 2015, no Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, cujo objetivo geral foi investigar a presença de determinadas características do Jornalismo Literário em comunhão com o Jornalismo Ambiental na interface narrativa do sexagenário repórter Montezuma Cruz, a partir da análise de conteúdo quali-quantitativa de 48 reportagens especiais socioambientais do jornalista, publicadas de fevereiro de 2011 a setembro de 2013, no Jornal *Correio do Estado*, em Campo Grande-MS.

Além disso, questões relevantes que surgem da aproximação entre Jornalismo, Literatura e Meio Ambiente foram discutidas. Uma delas foi a possibilidade de criação de uma narrativa autoral construída a partir do *ethos* profissional guiado pela humanização, ética, estética e pelo engajamento do repórter à temática ambiental, representado pela proposição H3E, contribuição da pesquisadora.



Figura 1. Esta é o diagrama proposto por Ana Carolina da Silva Monteiro, gerador dos conceitos trabalhados ao longo deste artigo.

O que se pretende de antemão é “qualificar o trabalho do jornalista não apenas para denunciar o que está errado, mas também para sinalizar rumo e perspectiva para a sociedade, por meio das histórias que conta ou escreve” (TRIGUEIRO, 2005, p. 4).

O eixo principal da pesquisa de mestrado desta pesquisadora está baseado na hipótese de produção da reportagem ambiental impressa, a partir de um *ethos* profissional pautado em humanização, ética, estética e engajamento - características que foram sondadas na práxis jornalística de Montezuma Cruz e estão representadas pela proposição H3E. Essa hipótese parte da afirmação de que ser jornalista, nos dias atuais, implica a partilha de um *ethos* coletivo, ou de um *modus operandi*, como preceitua Pierre Bourdieu, que tem sido afirmado há mais de 150 anos, regido por fundamentos éticos (deontológicos) ou princípios filosóficos (objetividade, imparcialidade e veracidade) e também por suas características peculiares (atualidade, universalidade, periodicidade, difusão).

A pesquisa se apropriou e trouxe para o contexto do Jornalismo o sentido de *ethos* oriundo dos estudos linguísticos, adotado por Patrick Charaudeau, teórico da Análise de Discurso, segundo o qual o *ethos* não concerne tão somente à imagem do indivíduo, mas pode estar atrelado a um grupo no qual se configura o *ethos* coletivo, resultante de julgamentos realizados uns pelos outros, que se baseiam em traços identitários. Segundo Fiordino (2012), essa afirmação do autor baseia-se na observação de que o *ethos* está relacionado às representações sociais, o que pode ligá-lo aos indivíduos e a grupos.

Pode-se dizer que o “*ethos* se constitui, portanto, na apresentação de si efetuada pelo locutor em seu discurso”. Mas quando se fala em apresentação de si, não se quer dizer apenas que o “locutor enumere suas qualidades, nem que fale explicitamente de si; mas sim que ele represente seu estilo, suas crenças, suas competências linguísticas e enciclopédicas na relação que estabelece com seu dizer” (FIORDINO, 2012, p. 8). Hernandez (2005) arremata ao afirmar que o “*ethos* do jornalismo” é resultante da soma de concepções do “*ethos* do jornalista”. Para o autor, o *ethos* de uma mídia aparece como consequência de uma intrincada relação com outros sujeitos que também têm um *ethos*.

Esta investigação nutre a crença de que a responsabilidade e a busca pela verdade dos fatos, aliadas a algumas características fundamentais da ciência do Meio Ambiente e da Literatura, fornecem condições suficientes para que o sujeito-jornalista possa escrever sobre a conturbada relação homem-sociedade-natureza.

Dentre as propostas de avivamento da transversalidade discursiva entre o Jornalismo e a Literatura, está, segundo Vicchiatti (2005, p. 91) a “chamada

humanização dos textos”, além de outros recursos, como técnicas de angulação, ponto de vista, da descrição cena a cena. O Jornalismo humanizado não se proporia apenas a produzir textos diferenciados, com linguagem que usufrui dos recursos da Literatura, que valoriza personagens. Mais do que isso, buscaria a essência das ações humanas – é a escolha de um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado. Um olhar que deve priorizar o combate às causas da dor e do sofrimento humano.

A ideia de trabalhar a reportagem nos moldes do Jornalismo Literário para tratar da temática ambiental, cujo eixo de ligação seria o **engajamento** do repórter, partiu do pressuposto defendido por Michael Frome (2008, p. 12), de que o Jornalismo Ambiental “exige mais do que aprender ‘como escrever’”; quem deseja enveredar-se para esta área tem que aprender também “o poder da emoção e das imagens”, a pensar “não apenas em quem, o quê, quando, onde e por que – mas no todo, com amplitude e perspectiva”.

Para tentar superar os problemas do tratamento fragmentado, catastrófico ou romanesco dispensado às reportagens socioambientais, buscou-se Edgar Morin (2010, p. 39-40) e sua epistemologia da complexidade. Nas palavras do sociólogo francês, a “relação do homem com a natureza não pode ser concebida de forma reducionista, nem de forma disjuntiva”. Afinal, a “Terra é a totalidade complexa físico-biológica-antropológica” e a “humanidade é uma entidade planetária e biosférica”. Trata-se de assumir uma visão profissional e pessoal, integrada, multidisciplinar, complementar, **ética**, que permite ao ser humano compreender sua condição e o ajuda a viver em harmonia com seu meio.

A reflexão ética aqui alinha-se ao sentido dos compromissos que tem o Jornalismo com a fidelidade aos acontecimentos reais, concretos. Bianchin (1997, p. 54-55) defende que se a fidelidade for rompida, “o discurso deixa de ser jornalístico na sua especificidade”, embora possa ainda manter seu trabalho estético de linguagem. “Ser solidário às dores do mundo ou causar dores ao mundo é um dilema ético”, ressalta Bertrand Russel (1977: 24, *apud* IJUIM, 2014, p.10), particularmente no trabalho jornalístico. Tudo isso contribuiria “para a formação de uma consciência humanística e ética de pertencer à espécie humana, que só pode ser completa com a consciência do caráter matricial da Terra para a vida, e da vida para a humanidade” (MORIN, 2010, p. 39). A humanidade está “a um só tempo, dentro e fora da natureza. Somos seres, simultaneamente, cósmicos, físicos, biológicos, culturais, cerebrais, espirituais”

(MORIN 2010, p. 38), ou seja, essencialmente plurais e conectados uns aos outros e ao universo.

Ao tratamento da temática e exercendo forte influência sobre o processo criativo do profissional jornalista, somar-se-iam os conceitos de visão holística e de educação ecológica, desenvolvidos pelo físico Fritjof Capra. Com Capra, sugere-se promover na formação dos futuros jornalistas, uma ecoalfabetização de seus profissionais, para que as reportagens produzidas cumpram, dentre os vários, com o papel didático, conscientizador e mobilizador que se espera da pauta ambiental.

Ao se estimular a adoção de uma visão holística na produção da narrativa jornalística impressa, de forma a revelar a realidade integrada e contextualizada dos acontecimentos, atribuindo-lhe sua inerente complexidade, superando a visão reducionista e fragmentada tão presente na imprensa ocidental dos dias atuais, almeja-se também estimular o avanço do Jornalismo “em seu contínuo processo de reciclagem” (LIMA, 2009, p. 318). Para Lima (2009), os instrumentos de abordagem do real em profundidade no Jornalismo hegemônico brasileiro estão antiquados e são insuficientes se forem levados em consideração os métodos de captação da realidade existentes em outras áreas do conhecimento e a ótica estéril com que nasce a pauta da imprensa nacional.

Por fim, o Jornalismo necessitaria atender às exigências da sociedade atual, globalizada. A sociedade precisaria do jornalista, técnico no que concerne à forma de executar uma reportagem ou uma matéria, mas, principalmente, exigiria que o jornalista conseguisse integrar, dialeticamente, a humanização, o estético, o ético, o engajamento em sua atuação profissional.

Frente às modernidades tecnológicas, os limites que separam o Jornalismo da Literatura parecem estar em processo de transposição em busca de uma narrativa esteticamente mais competente. Tal transposição surge do fato de que alguns jornalistas, como se propõe Montezuma Cruz, ao não se contentarem em seguir os esquematismos de fórmulas rígidas de construção da narrativa jornalística, procuram lançar um olhar inquieto às determinações de regras fechadas e a buscar enunciações atrativas com competência técnico-artística.

O profissional cuja formação o teria capacitado para manejar a linguagem preencheria um perfil que aliaria responsabilidade ética à habilidade linguística e criatividade para transmitir mensagens que satisfariam o público. Segundo Rocha (2013,

p. 34), ao interligar o conceito de Jornalismo (pensando-o como agenciador de uma comunidade, de um sentir em comum) a uma **estética** comunicacional, onde aquilo que caracteriza a natureza do Jornalismo proporciona um sentimento de comunidade, poder-se-ia afirmar, ademais, que se a comunicação é também um ato estético, o Jornalismo apresenta-se como um bom exemplo para pensar por meio desta perspectiva, pois a ênfase incide muito mais naquele profissional que transmite as notícias – o sujeito comunicador – do que na prevalência da técnica, nos “modos” de se fazer Jornalismo.

Em *A arte de tecer o presente*, Cremilda Medina (2003, p. 135) escreve que “a construção de uma narrativa ética, técnica e esteticamente singular” só é possível em razão de 90% de transpiração e 10% de “incontrolável intuição”. Contudo, continua a autora, para que se “abram os poros e se devolva à expressão a inspiração, é preciso superar os facilitismos: das certezas ideológicas, das idéias prontas, da insensibilidade ou desrespeito perante a cifração do mundo e seus protagonistas”.

A Literatura pode ser vista como a base da formação cultural do jornalista e da qualificação do texto por ele elaborado. “Tão intensa é essa importância que ultrapassa o simples prazer da leitura ou a obrigatoriedade de maior qualificação técnica do bem escrever” (VICCHIATTI, 2005, p. 84). O jornalista, aos poucos, atraído pelo fascinante domínio da narrativa literária, tentaria sublimar os limites dessa linguagem e dela importaria elementos que pudessem auxiliá-lo na conquista de seu principal objetivo: o leitor, ouvinte, telespectador, internauta.

2. Jornalismo e Literatura: complexidade, razão e emoção

A “gramática jornalística” atual não tem dado conta das demandas coletivas. E se mostra frágil também uma “ética rigorosamente regida por preceitos, códigos, normas de conduta” (MEDINA, 2003, p. 36). A saída, no entanto, estaria no resgate ao afeto pelo mundo, no pensamento solidário, na oxigenação do espírito do jornalista pela arte, na comunicação dialógica.

O problema que se propõe: a moralidade, no seu caráter universal, e as atitudes éticas de cada cultura não passam exclusivamente pela racionalidade lógico-analítica, mas também pelo desejo que se expressa por intermédio de profundas intuições. O gesto moral explode dos afetos, da sintonia solidária com o inconsciente coletivo. Estão aí os artistas que compreendem como

ninguém os motes da aventura humana e criam a linguagem que expressa os desejos (MEDINA, 2003, p. 36).

Está presente nas artes e, em toda grande obra, na Literatura, no cinema, na poesia, na música, na pintura, na escultura, enfim, um pensamento profundo sobre a condição humana. É na arte que se revela a universalidade da condição humana. A experiência artística levaria (e elevaria) o ser humano à dimensão estética e ética da existência (MORIN, 2010).

O texto reflexivo, a abordagem múltipla, a consciência das próprias limitações e a inquietação crítica da vida acadêmica funcionam como o grilo falante, atento a fiscalizar vaidades, a cobrar humildades, a questionar escolhas precipitadas. (...) A vida moderna (...) acentua o desafio. (...) Uma interminável encenação de performances vazias que preenche às vezes impecável, conversas de comadres e compadres recheadas de estereótipos e preconceitos. (...) O Jornalismo (...) tem deveres para com esse quadro. (...) São várias as etapas. Abrir-se, aprender a ouvir, a respeitar o diverso, a lidar com os desiguais, a ser descrente e apurar, a recuperar visões distintas, a eleger o pequeno como parte essencial do todo e a todos tratar igualmente. Porque nessa tarefa o que vale é a humanidade. E a informação bem trabalhada é patrimônio da humanidade (LEANDRO, 2003, *apud* MEDINA, 2003, p. 149).

Nos últimos 40 anos, com a crise da reportagem, por uma série de motivos ainda em estudo, dentre eles as influências da televisão e da internet, a atividade jornalística e a criação literária têm seguido caminhos paralelos, mas sem importantes pontos de encontro e territórios compartilhados. Contudo, é no cenário atual da pesquisa acadêmica sobre as nuances do discurso jornalístico e literário, que despontam alternativas para que a imprensa nacional recupere sua “literaturização”, com mudanças substanciais e que reflitam o amadurecimento de concepções no campo da imprensa escrita.

Para compreender os fenômenos sociais, os jornalistas devem ir além do “dar a notícia”. Presume-se que o fazer jornalístico buscaria a essência das ações humanas contidas nos fenômenos sociais. O Jornalismo humanizado não se proporia apenas a produzir textos diferenciados, com linguagem que usufrua dos recursos da Literatura e que valorize personagens. Mais do que isso, buscaria a essência das ações humanas – é a escolha de um olhar, uma perspectiva, um ponto de partida diferenciado.

Um olhar que priorize o combate às causas da dor e do sofrimento humano, transformando-se numa atitude humanista que:

respeite e considere posições humanistas de diferentes culturas, como: ter o ser humano como o centro das preocupações; afirmação da igualdade de todos os seres humanos; reconhecimento da diversidade pessoal e cultural; tendência a desenvolver o conhecimento além do que é aceito como verdade absoluta; afirmação da liberdade de ideias e crenças; e repúdio à violência (IJUIM, 2014, p. 5).

Ijuim (2014, p.13) faz referências a nomes ilustres cujo trabalho jornalístico-literário serve de exemplo, como Raul Pompeia, João do Rio, Antônio João e nos dias atuais, a jornalista Eliane Brum, profissional mais premiada da categoria nos últimos anos, e muitos outros.

T.S.Eliot (*apud* BAHIA 1990, p.28) valoriza a condição literária do Jornalismo, reconhecendo-o como uma literatura sob pressão na medida em que o que dele permanece como Literatura resulta de um exercício de criação – ainda que mais de transpiração do que de invenção, mas nem por isso desprovido de “arte” – sob a pressão das circunstâncias. A diferença residiria na sutileza do jornalista, na sua habilidade de criador de interesses. Ele dá a dimensão do tempo ao transitório e valoriza o banal, extraindo dele algo peculiar. O que orienta a arte no Jornalismo é o espírito do jornalista. Antes de tudo, um sensível como todos os artistas em geral na captação dos acontecimentos e na criação deles.

Com características bem marcadas e elementos distintos é possível, em algumas manifestações, ter a ousadia de usar os pontos de intersecção entre Jornalismo e Literatura (com destaque neste estudo à humanização, ao engajamento e à estética) para construir uma narrativa dialógica, criativa, profundamente esclarecedora e conscientizadora.

A narrativa impessoal, linear, não é mais suficiente para explicar a sociedade atual, complexa, em constante evolução. É, pois, como escreve Morin (2010, p.15): a informação sozinha “é um ruído”, e “uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente e irresponsável”. Eis um dos entraves que a Comunicação Social deve enfrentar para propagar a compreensão da problemática ambiental instalada nos dias atuais e difundir uma “reforma do pensamento” que resulte, conforme Capra (2006), dentre outros princípios ecológicos, na mudança de ponto de vista e de atitude.

Edgar Morin postula a epistemologia da complexidade para se sair do círculo asfixiante do que é primariamente ideológico. Ao aceitar esta epistemologia, admite-se

neste estudo o fracasso de uma prática profissional alimentada pelas ideologias reducionistas e percebe-se a necessária tomada de consciência “da natureza e das consequências dos paradigmas que mutilam o conhecimento e desfiguram o real”.

A insuficiência dos preceitos do paradigma cartesiano para apreender e explicar o mundo tem sido reiteradamente apontada por diferentes autores nas últimas décadas. Pressupostos como a separação entre sujeito e objeto, homem e natureza, ego *cogitans* (mente) e *res extensa* (matéria), bem como a decorrente compartimentação do conhecimento em diferentes disciplinas que recebem o status de científicas, em detrimento de saberes tidos como não científicos, parecem não dar conta de explicar, nos primeiros anos do século XXI, todos os aspectos do mundo natural e social. (...) Morin afirma que as ameaças enfrentadas atualmente pela humanidade, como os problemas ambientais de toda ordem, o desenvolvimento de armas nucleares e a manipulação genética das espécies, entre tantos outros, são resultado ‘de um modo mutilador de organização do conhecimento, incapaz de reconhecer e apreender a complexidade do real’ (LÜCKMAN, 2013, p. 15).

E qual o papel do Jornalismo nesse mundo em transição? Com certeza, não se trata aqui de incluir no debate o Jornalismo em sua forma segmentada, ou seja, como prática profissional voltada à divulgação científica, mas sim como “prática de fazer sentido da modernidade” (HARTLEY, 1996, p. 33 apud LÜCKMAN, 2013, p. 16); como “discurso de atualidade plenamente legitimado na sociedade” (MEDINA, 2008, p. 17); ou ainda como discurso público por meio do qual o acontecer do mundo é significado (MARTÍN-BARBERO, 2004 apud LÜCKMAN, 2013, p. 16).

Na prática do Jornalismo informativo, a regra geral dominante ainda é a da simplificação – de base cartesiana. “Pregam os manuais que o bom texto jornalístico é aquele escrito de forma simples, direta e objetiva, com frases sucintas e informações organizadas em ordem decrescente de importância” (LÜCKMAN, 2013, p. 17). É obrigação do jornalista ouvir os dois lados do fato relatado quando há algum tipo de polêmica. Seis perguntas básicas precisam estar respondidas para que a notícia seja publicada: o quê, quem, quando, como, onde, por quê. “Simplificação, objetividade, imparcialidade, distância entre sujeito e objeto, o *lead* como metodologia: a cartilha do fazer jornalístico foi, sem dúvida, redigida sob as diretrizes do paradigma cartesiano”.

Contraopondo essa lógica, Medina (2003) desenvolve há décadas um projeto de formação de jornalistas, por meio do qual incentiva a prática autoral de narrativas da contemporaneidade, desenvolvido com acadêmicos de Jornalismo, de pós-graduação provenientes de Comunicação Social e de outras áreas de conhecimento da

Universidade de São Paulo e de outras universidades brasileiras e de Portugal. Segundo a autora,

a plenitude da comunicação, acontece na tríplice tessitura ética, técnica e estética. Ao experimentar uma narrativa ao mesmo tempo complexa, afetuosa e poética, não há como abstrair a crise dos paradigmas reducionistas, a crise das percepções e a aridez emocional ou a crise das fórmulas aplicadas às rotinas estéticas da narrativa (MEDINA, 2003, p. 49).

Trata-se de uma iniciativa de fomento à aspiração de uma narrativa contada pelo jornalista, o “mediador social dos discursos da atualidade” (MEDINA, 2003, p.34), de forma sutil, afetosamente comunicativa e iluminando no caos alguma esperança do ato criador. E o melhor momento de ensiná-lo é durante o curso de graduação, ou até de pós-graduação. O “empobrecimento técnico-ético-estético dos ambientes empresariais não proporciona condições de aperfeiçoamento ao estudante ou ao estudioso da linguagem dialógica. Daí a oportunidade da pesquisa no ambiente universitário” (MEDINA, 2003, p. 36).

Esta investigação encontra no trabalho de Cremilda Medina a confirmação de que é possível “humanizar as fórmulas que constituem as técnicas da inércia profissional, na vitalidade do cotidiano anônimo”, e se vê na obrigação de despertar a consciência do jornalista para enfrentar cada vez mais a complexidade ao mesmo tempo “ética, técnica e estética” da narrativa jornalística (MEDINA 2003, p.35).

Desta forma, Medina (2003, p. 51) sugere a pedagogia de um novo Jornalismo, ao qual esta investigação une seus preceitos. Um Jornalismo que “seduz os mediadores sociais para se deslocarem da passividade das técnicas adquiridas para a ação complexa, solidária e inovadora no ato de relação com o outro e com o mundo”, como forma de combate à assepsia de ideias nas redações, aos significados óbvios e conservadores difundidos, e à narrativa “desumanizada, preconceituosa e estática” predominante na imprensa contemporânea, e grande responsável pela simplificação da temática ambiental, e do tratamento da natureza dentro de um conceito maniqueísta - ora catastrófica, ora romanesca e deslumbrante.

A exposição à arte (música, teatro, cinema, fotografia, escultura, arquitetura), como pressupõe Medina (2003, p. 63), ensinaria a inserir sutileza na relação com o humano ser – “um ético deslocamento do signo autoritário para o signo dialógico”.

As literaturas e outras expressões artísticas exibem surpreendente competência: narrar para tentar compreender o mundo à volta no ato lúdico ou na linguagem onírica. (...) O artista se integra ao sonho coletivo, mas procura nele alguma verossimilhança com a realidade; o autor de narrativas, cuja referência é a realidade, se defronta com os mistérios do imaginário. Tanto um, na fantasia emancipatória, quanto outro, no rigor e fidelidade realistas, criam uma narrativa autoral, única na poética e nas referências ao mundo concreto. O diálogo com esse mundo se manifesta no cotidiano, na arte e na ciência (MEDINA, 2003, p. 34).

Medina (2003) sugere ao jornalista mudar o foco de percepção do cotidiano de sujeito-objeto em sua narrativa, e assumir a relação sujeito-sujeito, de forma que, ao narrar o cotidiano, o desassossego mundano fosse atenuado e afetos ao planeta inquieto aflorariam, a fim de se propagar o “viver verdadeiramente e o viver melhor” (MORIN, 2010).

Este pensamento parece ter sido resgatado dos apontamentos de Antônio Olinto, quem defende a proximidade entre Jornalismo e Literatura, dentre vários momentos, particularmente no de criação do texto, quando o autor transplanta para o papel as necessidades diárias que o homem sempre teve: “de amor, e conforto, de alimento, de aplauso, de justiça”. A obra de arte “sai desse mesmo bojo informe em que se plasman os ódios, as vitórias, as alegrias, os êxtases, os fracassos” (OLINTO, 2008, p. 27).

Não se discute que o discurso jornalístico que se constrói por meio das palavras e da linguagem, e por isso é meio de comunicação, é porta-voz da verdade dos fatos e deve estar, irremediavelmente, conectado à realidade. Contudo, esta característica básica do texto jornalístico não deveria impedir que o repórter construísse sua matéria de forma criativa, inovadora, nem o Jornalismo de publicar bons textos, com um satisfatório trabalho estético de linguagem, comprometido com a singularidade e a universalidade dos fatos. Para Olinto, caberia ao repórter o livre acesso aos recursos literários para fazer emergir do cotidiano mundano toda a dramaticidade que dele é inerente. Segundo Borges (2013), “levar os dispositivos teóricos do discurso para os embates sobre as enunciações acerca da realidade do mundo é ampliar o espectro da discussão, não desvirtuá-la”.

O Jornalismo, mesmo com a obrigatoriedade de manter-se fiel aos fatos, tem-se permitido avanços lentos, mas preciosos, em direção à utilização de elementos da Literatura. Segundo Vicchiatti (2005, p. 85), dos textos frios, tecnicamente corretos, os profissionais de imprensa têm partido “em busca de maior identificação com o leitor,

recheando informações com histórias de vida, trazendo emoção e sentimentos para revelar o colorido dos fatos cotidianos”.

Pressupõe-se ser infinitamente enriquecedor para o jornalista ver a Literatura como um modelo estético para seus textos, mas não apenas isso. O Jornalismo vai além da técnica e a Literatura pode, também, “ser uma fonte de abastecimento”, na medida em que possibilita ao profissional “um maior contato com o mundo, com suas realidades e seu imaginário” (DUARTE, 2001, p. 11 *apud* VICCHIATTI, 2005, p. 89). São justamente os livros que leu e “as vivências enriquecedoras da fantasia e da imaginação” que provavelmente darão sabor aos textos que o jornalista escreverá, que o ajudarão a redimensionar e transpor os limiares de sua narrativa, sem, no entanto, perder de vista a função básica de informar com a maior precisão possível.

O jornalista luta pelo esclarecimento de todos. Vai ao fundo mesmo das coisas, descobre a beleza de cada madrugada, a revolta de todos os fracassados, o amor de um adolescente, o silêncio do quarto de um morto, o brilho de uma onda contra o sol. Descobre apenas o que está aí, diante dos olhos de todo mundo, mas que pouca gente vê. Sua luta é um descerrar, um abrir de cortinas, para que seu companheiro, o homem de cada dia, veja o que está sob as aparências casuais da paisagem. Para empreender essa caminhada, para atingir o íntimo dos homens, é preciso, primeiro, que o jornalista tenha consciência de sua posição. Saiba que a voz que lhe sai dos lábios, não existe apenas para sua alegria. É um patrimônio comum a todo homem. Sua voz deixa de ser sua para pertencer à sua época e à posteridade (OLINTO, 2008, p. 91).

As limitações objetivas do Jornalismo ao estilo e à linguagem podem resultar numa técnica-padrão como querem os críticos, que só veem nos veículos tênues possibilidades de conciliar o talento com a padronização. “Mas, por paradoxal que pareça, essa contradição não anula a liberdade criadora” (BAHIA, 2009, p.104) e pode servir de inquietação ao jornalista, a fim de que ele não se acomode ao mais fácil, ao superficial, à rotina desprovida de humanização, que afasta das redações o olhar mais sensível do repórter que sai às ruas em busca de histórias da vida real. Histórias que, o jornalista Marcos Faerman dizia que deveriam ser ouvidas com o coração e escritas como se o “outro” fosse, vestindo sua pele e emprestando-lhe sua voz autoral, pensamento que o levou a concluir que o “jornalismo humanista humaniza quem o escreve e quem o lê”.

O jornalista pode dar colorido à narração jornalística, utilizando-se da Literatura, da visão humanística, da estética verbal e da vivência artística. Dessa forma, verá, que

continuará informando, com o mesmo profissionalismo, mas, acima de tudo, com humanismo (VICCHIATTI, 2005). “É preciso abandonar o conforto das fórmulas engessadas nos manuais jornalísticos e ir ao mundo para viver o presente, as situações sociais e o protagonismo humano” (MEDINA, 2003, p. 40).

O relato jornalístico humanizado pode sensibilizar e ampliar a compreensão dos leitores sobre a realidade na qual estão inseridos, além de se tornar uma ferramenta de divulgação das ações humanas para a construção de uma sociedade igualitária. A intenção, no caso de um Jornalismo mais sensível, é aproximar as pessoas de uma realidade que nem sempre conhecem e, por isso, com a qual não se preocupam. A descrição, a apuração detalhada nesse caso, seria feita com o intuito de inquietar e suscitar informações em uma comunidade, a fim de explicitar os conflitos que a raça humana tem enfrentado. Sem estereótipos ou preconceitos. Medina (2003) complementa:

De certa forma a ação coletiva da grande reportagem ganha sedução quando quem a protagoniza são pessoas comuns que vivem a luta do cotidiano. Descobrir essa trama dos que não têm voz, reconstruir o diário de bordo da viagem da esperança, recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional (...) Contar uma boa história humana, afinal, é o segredo da reportagem (MEDINA, 2003, p. 52-53).

Iluminado na percepção da vida em sua dimensão humanamente complexa, o Jornalismo, por meio de suas reportagens, pode trazer à tona informações capazes de modificar os rumos da sociedade. Dessa forma, na medida em que as ações são executadas pelos personagens da vida social, elas refletem interesses de determinados grupos da sociedade, executados pelos personagens individuais e coletivos, como ressalta Lima (2009).

3. Considerações Finais

Com o advento da reportagem, ao testemunhar o universo do fato e relatá-lo, o repórter amplia a informação jornalística aos planos de uma contextualização jornalística maior. Lage (2011, p. 21) constata com isso, que a informação deixou de ser “apenas e principalmente fator de acréscimo cultural ou recreação” na vida dos cidadãos, para se tornar vital. Ao repórter, cabem muitas mais possibilidades, além de “tradutor” de vozes sociais. “O jornalista, ou mais precisamente, o repórter, se configura

como um narrador envolvido com a verificação mundana, seja por meio do contato visceral, seja por realizar pesquisas e investigações” (CORÇÃO, 2012, p. 79).

Uma reportagem ancorada na sensibilidade, na força e na fragilidade humana pode trazer ao conhecimento da comunidade algo que a mobilize, que a inquiete. Sabe-se que para conseguir tal intento é preciso transpiração e esforço intelectual. Por isso, para que o processo de transformação tenha início, é preciso contar uma história, produzir uma reportagem que reflita o ser humano em sua essência, com seus problemas ou soluções. Edvaldo Pereira Lima (2009) apregoa que só se consegue esse efeito, enquanto jornalistas, quando se sai a campo e interage, como seres humanos, com os personagens da vida real. Não quando se limita a entrevistar pessoas pelo telefone ou pela internet, nem quando só se escreve condicionando o texto a um formato limitado de *lead*.

Segundo o autor, o ofício do repórter que vai às ruas e coloca à prova a concepção teórica que aprendeu, de um lado, e de outro sua sensibilidade, registra “um encontro visceral com a realidade” (LIMA, 2009), cujo resultado é uma narrativa jornalística humanizada capaz de alcançar um nível enriquecedor, de envolver o leitor e o conduzir a um novo patamar de compreensão do mundo que o rodeia, e tanto quanto possível, de si mesmo, e de seus semelhantes.

O jornalista que usa suas impressões durante o relato sensível de uma realidade pode encontrar o aconchego de um coração atento e disposto a ajudar, a se mobilizar. Barros (2001) lembra que o repórter não deve se humanizar somente durante a narrativa. Ela defende que o jornalista seja humano em tempo integral. Não se trata de usar a sensibilidade para impressionar, para criar apenas uma sensação momentânea (sensacionalismo). No entanto, a linha é tênue, é preciso cuidado, responsabilidade.

Na procura pela essência dos fenômenos, o jornalista pode atribuir-lhes significados, sentidos, e proporcionar ao público, mais que a explicação, a compreensão das ações humanas. Mas para isso, em sua relação com o mundo, o jornalista precisa esvaziar-se de preconceitos de modo a captar, ver e enxergar, ouvir e escutar, questionar e sentir (IJUIM, 2014, p. 14).

Consequentemente, “sua narrativa será a organização do que está disperso, com as ligações do que está desconexo, rica em contexto” (IJUIM, 2014, p.14), esclarecedora, e geradora de compreensão.

Referências

- BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica**: as técnicas do jornalismo. Volume 2. 5ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. MauadX, 2009.
- BARROS, Ana Taís Martins Portanova. **Jornalismo, Magia, Cotidiano**. Canoas: Ulbra, 2001.
- BIANCHIN, Neila. **Romance-reportagem**: onde a semelhança não é mera coincidência. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.
- BORGES, Rogério. **Jornalismo Literário** – análise do discurso. Série Jornalismo a Rigor. Vol. 7. Florianópolis: Ed. Insular, 2013.
- CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**: a Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- _____. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Trad. Newton Roberval Eichmberg. 10 ed., São Paulo: Cultrix, 2006.
- CORAÇÃO, Claudio. **Repórter-cronista em confronto**: João Antônio na trilha de Lima Barreto. São Paulo: Ed. Annablume, Fapesp, 2012.
- DIAS, Robson. **O ethos de cada um**: limites e associações entre a ética profissional de jornalistas e corporativa de empresas de comunicação. Mediação, Belo Horizonte, v. 14, n. 15, jul./dez. de 2012.
- FIORDINO, Priscila Peixinho. **Ethos**: um percurso da Retórica à Análise do Discurso. In: Revista Pandora Brasil, ISSN 2175-3318, nº 47 - Outubro de 2012.
- FROME, Michael. **Green Ink**: uma introdução ao Jornalismo Ambiental. Curitiba: Editora UFPR, 2008. Trad. Paulo Roberto Maciel.
- HERNANDES, Nilton. **Jornais e ethos**: como a marca vira um “ser” que discursa. Estudos Lingüísticos, v. 34, p. 780-785, 2005.
- IJUIM, Jorge Kanehide. **Humanização e desumanização no Jornalismo**: algumas saídas. Santa Catarina. UFSC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (BOCC). Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/ijuim-jorge-2014-humanizacao-desumanizacao-jornalismo.pdf>. Acessado em 16 de novembro de 2014.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro. 9ª Ed. Record. 2011.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura – 4ª Ed., Barueri, SP: Manole, 2009.

LÜCKMAN, Ana Paula. **Contribuições do pensamento complexo para o campo epistêmico do jornalismo**. Florianópolis/SC, 2013. Dissertação (Mestrado em Jornalismo). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2013.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MORIN, Edgar. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Trad. Eloá Jacobina. 17ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliane Lisboa. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura**. Porto Alegre: JÁ Editores, 2008.

ROCHA, Paula Roberta Santana. **Estética e sensações no jornalismo: um estudo das estratégias e jogos discursivos**. Goiânia/GO, 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação) https://mestrado.fic.ufg.br/up/76/o/Est%C3%A9tica_e_sensa%C3%A7%C3%B5es_no_jornalismo_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf. Universidade Federal de Goiás (UFG), 2013. Disponível no endereço Acessada em 23/12/2014.

TRIGUEIRO, André. **Mundo Sustentável: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação**. São Paulo: Globo, 2005.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. São Paulo: Paulus, 2005.

Recebido em: 30 de setembro de 2015

Aceito para publicação em: 1 de novembro de 2015